

A SAÚDE MENTAL

Angela Regina Poletto (IFSC)
angelapoletto@ifsc.edu.br

Leila Amaral Gontijo (UFSC)
leila@deps.ufsc.br



Este artigo tem como objetivo fazer uma revisão bibliográfica das pesquisas que abordam os problemas de saúde mental de trabalhadores agrícolas no mundo e no Brasil. Na pesquisa exploratória, para selecionar e identificar a literatura foi utilizado o Portal Capes como uma das ferramentas de busca através da Scopus, Scielo, Medline e Elsevier. As pesquisas identificaram como principais fatores que contribuem para os problemas de saúde mental de trabalhadores agrícolas: a situação financeira, o isolamento, os relacionamentos familiares, a pressão do tempo e a sazonalidade do trabalho, as legislações e os regulamentos governamentais, o trabalho com organofosforados, os problemas de saúde e o estigma à doença mental. Ressalta-se a importância das pesquisas desenvolvidas e a necessidade de continuidade, torna-se necessário, que se aprofunde o estudo da relação entre a saúde mental e o trabalho agrícola.

Palavras-chaves: saúde mental, trabalhador agrícola, processo de trabalho

1. Introdução

As preocupações com as interfaces entre processo de trabalho e saúde mental há muito tempo vêm sendo discutidas. Segundo Tamayo (2004), o trabalho vem se tornando cada vez mais central na vida das pessoas e esta centralidade traz consequências para a integridade física, psíquica e social dos trabalhadores. O trabalho tem o poder de estruturar tanto em relação à saúde mental quanto à saúde física do indivíduo.

Para Almeida (1995), os principais problemas de saúde no trabalho agrícola têm características peculiares devido às particularidades das atividades no campo e aos riscos ocupacionais relacionados. A condição de vida no ambiente agrícola exerce influência sobre a saúde dos trabalhadores.

Segundo a *International Labour Organization* (ILO, 2008), a agricultura é um setor tradicionalmente negligenciado, quando comparado com o da indústria. Essa situação pode ser explicada pelo fato de a agricultura ser um setor heterogêneo e complexo. Juntamente com a mineração e a construção, a agricultura é uma das três ocupações mais perigosas. De acordo com estimativas mundiais da ILO (2008), anualmente ocorrem 335.000 acidentes fatais no local de trabalho, destes, 170.000 trabalhadores agrícolas morrem.

Lida (2005) considera o trabalho agrícola como não estruturado, devido à simultaneidade na execução de tarefas, uma vez que os trabalhadores não possuem um posto de trabalho definido e as tarefas executadas são variáveis. Para o autor, o trabalho agrícola, por ser desenvolvido, em grande parte do tempo, em campo aberto, submete os trabalhadores às condições climáticas: sol, calor, vento e chuva. Além disso, este tipo de trabalho expõe a possíveis contaminações por agrotóxicos.

Este artigo tem como objetivo fazer uma revisão bibliográfica dos estudos que abordam os problemas de saúde mental de trabalhadores agrícolas no mundo e no Brasil. Na pesquisa exploratória, para selecionar e identificar a literatura foi utilizado o Portal Capes como uma das ferramentas de busca através da *Scopus*, *Scielo*, *Medline* e *Elsevier*.

2. A saúde mental do trabalhador agrícola

A maioria das pessoas tem uma imagem da vida rural associada a um ambiente tranquilo, harmonioso e saudável. No entanto, evidências demonstram que a vida rural vem passando por mudanças significativas no Brasil e no mundo. Os impactos são sentidos por meio da instabilidade e da reestruturação do setor agrícola que vêm acontecendo nas últimas décadas. O isolamento, os problemas financeiros, as condições climáticas, a falta de cuidados com a saúde e a insegurança são fatores que podem contribuir para a mudança dessa imagem.

Fraser et al. (2005) e McCurdy e Carroll (2000), evidenciam que a agricultura tem altos índices de mortalidade, como na indústria. O trabalho agrícola expõe os agricultores e suas famílias a uma série de riscos à saúde física, associados com a variedade de práticas de trabalho incluindo exposição crônica a pesticidas e outras substâncias químicas, demandas físicas e longas horas de trabalho.

Para Gregoire (2002), o estilo de vida dos agricultores tem ligação com seu trabalho, não somente em função das longas horas de trabalho (70% dos trabalhadores agrícolas trabalham mais do que 10 horas diárias), mas em função de que estes passam grande parte do tempo na propriedade, o que, de certa forma, os deixa relativamente isolados. Os agricultores não têm feriados, férias e suas vidas são governadas por forças imprevisíveis como tempo, problemas com animais, equipamentos e doenças. Os agricultores são, talvez, o único grupo no qual o trabalho está intimamente ligado com muitos aspectos da vida familiar ao longo de diversas gerações.

O estudo realizado por Brandenburg (1999), no setor agrícola, demonstrou que as dificuldades no trabalho são maiores para os agricultores que não têm condições de adquirir modernos equipamentos de trabalho para economizar tempo ou melhorar a rentabilidade, obrigando-os a gastar mais energia física, a trabalhar mais e com maior intensidade. Esse comportamento diminui a margem de manobra do agricultor, submetendo-o a uma situação de constrangimento físico e psicológico, resultando em modificações no estado interno dos trabalhadores, o que pode traduzir-se, com o tempo, em agressões à saúde.

Segundo o autor, no trabalho agrícola há uma relativa autonomia na execução das tarefas, em que nem tudo é determinado externamente, mas existe um controle do próprio agricultor sobre a produção, a organização do trabalho e sobre os processos de decisão, deixando um espaço livre para o convívio e as necessidades familiares.

No caso do agricultor familiar, conforme Echternacht (1998), não existe uma prescrição de suas tarefas, ou seja, o trabalho a ser realizado não é delimitado. Mas, pode existir uma demarcação de tempo que está ligada à sazonalidade e a condições meteorológicas, além de uma limitação de meios para realizar suas atividades. Neste sentido, a carga de trabalho do agricultor familiar pode estar vinculada ao seu próprio compromisso com seu trabalho.

A vida dos trabalhadores agrícolas é movida por uma série de fatores que podem contribuir para os problemas de saúde mental, em função da diversidade de atividades que exercem em seu dia-a-dia na propriedade aliados à vida familiar.

2.1 A saúde mental do trabalhador agrícola no mundo

No âmbito internacional, a saúde mental dos trabalhadores agrícolas vem sendo investigada no Canadá (WALKER; WALKER, 1987), nos Estados Unidos (EBERHARDT; POOYAN, 1990; BELYEA; LABAO, 1990), na Inglaterra (BOOTH; LLOYD, 1999), no Reino Unido (RAINE, 1999) e em Bangladesh (HOSAIN et al., 2007). Esses estudos refletem as diferenças entre as prevalências de problemas de saúde mental, bem como as diferenças e variações regionais de acordo com as condições particulares e grupos na população agrícola.

Fraser *et al.* (2005), verificaram que as pesquisas tem focalizado o estresse e o enfrentamento destes problemas pelos agricultores. As demais pesquisas relacionam-se ao funcionamento neurológico e à utilização dos produtos químicos na agricultura, depressão, suicídio. Os estudos indicam que os trabalhadores agrícolas e suas famílias relatam como aspectos estressores, o ambiente físico, a estrutura familiar agrícola, as dificuldades financeiras, as incertezas associadas com a agricultura, os quais podem ser prejudiciais à sua saúde mental.

No Canadá, Walker e Walker (1987) observaram altos níveis de sintomas de estresse em agricultores canadenses, comparados com outros trabalhadores, incluindo não somente sintomas psicológicos, como tensão, insônia e irritabilidade, mas, também, altos níveis de sintomas físicos.

Nos Estados Unidos, Eberhardt e Pooyan (1990) analisaram os aspectos estressantes de trabalhadores rurais. Os resultados demonstram que os problemas financeiros, a pressão do tempo e o isolamento geográfico foram os mais importantes prognósticos. A pressão do tempo não somente relacionada com a quantidade de trabalho que os agricultores têm que

fazer como as longas horas de trabalho, mas em função da imprevisibilidade e das variações sazonais da carga de trabalho. O isolamento geográfico e social é frequentemente citado como um dos maiores fatores de riscos psicossociais que afetam a saúde dos agricultores.

Belyea e Lobao (1990) verificaram as consequências psicossociais da transformação da agricultura, crise na agricultura e depressão em agricultores, na Carolina do Norte. Os resultados demonstram o processo de depressão através da vulnerabilidade econômica, avaliação cognitiva negativa de uma situação e a ineficácia dos mecanismos para enfrentar as situações.

Na Pensilvânia, Jacob, Bourke e Luloff (1997) realizaram avaliação sobre estresse, distresse e bem-estar nas comunidades rurais. Os resultados sugerem que 59% dos residentes em comunidades rurais têm muitos ou alguns problemas de estresse, 14% responderam que têm muitos problemas e 45% que têm algum problema. Foram evidenciadas experiências de estresse em 6 entre 10 residentes rurais em cada uma das quatro cidades. O estresse foi associado com dificuldades de enfrentar os problemas da vida diária. As regiões economicamente mais pobres têm mais experiências de estresse, assim como as mulheres, os jovens e as pessoas com problemas de saúde.

Stallones e Beseler (2004) investigaram a associação da depressão com os fatores relacionados com a carga de trabalho, suporte social e “status” de saúde em agricultores em oito municípios americanos, no Colorado. A depressão foi significativamente associada com alto risco de comportamentos de segurança e que conduz à maioria dos danos com os trabalhos de manutenção e com animais. Os níveis de depressão da população foram baixos quando comparados com outras populações agrícolas e com a população em geral.

No Reino Unido, Read (1995) identificou como fatores de estresse no meio rural: preocupações econômicas, isolamento, baixa auto-estima; fatores relacionados a problemas de sucessão, herança e aposentadoria, mudanças demográficas, dificuldades de acesso. Para o autor, o estresse e o isolamento entre trabalhadores agrícolas são revelados por altos índices de suicídio em agricultores e veterinários.

Monk (1997) investigou as causas de estresse na comunidade rural de Upper Teesdale. Os efeitos do estresse foram de alta proporção, apresentando alta incidência de problemas de saúde mental, como depressão e problemas de alcoolismo. Foram evidenciados fatores estressores, como o isolamento, as crises de relacionamento pessoal, o desânimo e o

desespero, a falta de alternativas, os problemas financeiros, as mudanças constantes na agricultura, a alta carga de trabalho, a incapacidade, as doenças e a baixa auto-estima.

Simkin *et al.* (1998) analisaram o estresse de agricultores na Inglaterra e País de Gales. Os resultados revelaram que os trabalhadores agrícolas têm consideravelmente experiências de estresse, preocupando-se com as condições financeiras e dificuldades em torno das formas complexas de regulações. Mais de 70% dos agricultores preocupam-se com dinheiro, enquanto 20% admitem ter problemas financeiros. Os agricultores que plantam e criam animais apresentaram mais situações estressantes em relação às mudanças das legislações e políticas da agricultura britânica do que os agricultores de simples operações.

Na Inglaterra, Booth e Lloyd (1999) documentaram a natureza e extensão de estresse ocupacional em agricultores. Os resultados indicam altos índices de estresse ocupacional em famílias de agricultores e elevados níveis de depressão e ansiedade. Os três índices de agravos à saúde mental que foram utilizados, estresse, depressão e ansiedade mostraram significativa correlação com problemas de família. As mulheres mostraram índices mais altos de estresse do que os homens. Os autores concluíram que os agricultores, particularmente as mulheres, têm o risco mais elevado de morbidades psiquiátricas e que a principal percepção da origem de estresse está diretamente relacionada com procedimentos legislativos e mudanças nas práticas agrícolas.

Em estudo realizado sobre estresse, no estado de Yorkshire, Raine (1999) focalizou três pontos importantes: a percepção de estresse que envolve os agricultores, as causas e os efeitos pessoais. O autor verificou que os efeitos do estresse são percebidos e que esta ocupação está se tornando cada vez mais estressada. Foram identificadas três causas principais: situação financeira, burocracia no trabalho e a encefalopatia espongiiforme bovina, também conhecida como doença da vaca louca. A situação da doença tem sido um dos fatores mais estressantes, principalmente pelas consequências financeiras na vida dos agricultores.

Paxton e Sutherland (2000) verificaram os índices de depressão e ansiedade em agricultores ingleses. Os resultados foram definidos pelos níveis de severidade da morbidade, 30,2% de ansiedade severa e 12,4% de depressão severa, sendo que as mulheres apresentaram proporções mais altas do que os homens. A associação entre saúde física e depressão é consistente, podendo-se afirmar que a saúde física é um fator de proteção da saúde mental de homens e mulheres.

Ainda na Inglaterra, Phelps (2001) identificou os fatores que contribuem para o estresse nos agricultores e quais os mecanismos de enfrentamento utilizados nessas situações. O autor identificou altos níveis de ansiedade, depressão e estresse. A metade da população reportou média ou severa ansiedade e 24% severa ansiedade. Foram identificados oito fatores que contribuem para os níveis de doença mental: situação financeira; isolamento e relacionamentos; pressão do tempo e lazer; regulamentações e legislações governamentais; eventos da vida estressantes; perigos da agricultura; problemas de saúde e trabalho com organofosforados.

Para Gregoire (2002), os agricultores estão expostos a vários estressores ocupacionais, muitas vezes agravados pelas mudanças das práticas agrícolas e por fatores econômicos. Essas mudanças na agricultura representam relevante aumento no estresse em função dos aspectos econômicos, no qual tem emergido, em importante predisposição, as morbidades psiquiátricas e, até mesmo, o suicídio.

Na Noruega, Melberg (2003) examinou as relações entre o estresse, o suporte social e a saúde psicológica em agricultores. Observou-se que as circunstâncias presentes no dia-a-dia contribuem para a baixa qualidade de vida e bem-estar, e que são vários os aspectos estressores relacionados ao trabalho na vida familiar agrícola. Essas influências afetam o bem-estar geral, em diferentes formas para homens e mulheres.

Em Bangladesh (HOSAIN *et al.*, 2007), verificou a prevalência de padrões e determinantes de doenças mentais na população rural. Os resultados indicaram uma prevalência de 16,5% de doenças psiquiátricas, destacando-se a depressão e a ansiedade. A maior prevalência de problemas mentais foi encontrada em agricultores pobres economicamente, com mais de 45 anos e em mulheres de grandes famílias. Nesse sentido, os resultados demonstram a relevância de programas de atendimento aos problemas de saúde mental.

Os estudos internacionais evidenciam os problemas de saúde mental dos trabalhadores agrícolas e que existe um conjunto de fatores observados que contribuem para os agravos à saúde física e mental. Por meio da compreensão das atividades realizadas, observou-se que eles encontram dificuldades para desempenhar suas atividades de trabalho e de vida diária diante da multiplicidade de papéis estabelecidos e da complexidade do sistema de produção, exigindo do trabalhador competências para a condução do seu trabalho.

2.2 A saúde mental do trabalhador agrícola no Brasil

Os estudos sobre a saúde mental do trabalhador agrícola no Brasil têm sido desenvolvidos em proporções menores, se comparados com as pesquisas nas áreas urbanas. Destaca-se a pesquisa sobre as queixas de nervos, desenvolvida sob a ótica qualitativa, em que Rozemberg (1994) estudou o consumo de calmantes e o problema de nervos entre os lavradores da região serrana do Espírito Santo, caracterizada pela produção cafeeira e criação de gado. Os resultados demonstraram que 30% das pessoas entrevistadas sofriam de problema de nervos e 88% faziam uso de remédios psiquiátricos.

Falk *et al.* (2003) estudaram os índices de suicídio na população de Venâncio Aires – RS, que chegou a ter um dos maiores números de casos por cem mil habitantes no Brasil e até no mundo. Os dados indicam que já existem indícios suficientes para formular a hipótese de que o uso de agrotóxicos (especialmente os organofosforados) é um dos principais fatores de risco para suicídios. No entanto, se fazem necessárias outras pesquisas. Outras hipóteses podem ser esboçadas, como os aspectos culturais da etnia alemã em que se poderia identificar um grau menor de afetividade nas relações pessoais; pouca tolerância individual e coletiva a fracassos etc. A crise do modelo econômico familiar e minifundiário que traz problemas econômico-financeiros, o aumento da necessidade de bens de consumo, as histórias familiares, a relação com o alcoolismo, o isolamento do local de moradia, a religião, o nível educacional, também costumam ser elencadas como possíveis causadoras dos suicídios.

Faria *et al.* (1999; 2000) desenvolveram importante estudo epidemiológico sobre a saúde mental de agricultores na Serra Gaúcha (Brasil), onde foram avaliadas as associações entre as características do trabalho rural e a ocorrência de Morbidade Psiquiátrica Menor (MPM). Os resultados demonstram que a prevalência de MPM afetou 37,5% dos agricultores e foram maiores entre os produtores de feijão e menores entre os produtores de maçã. Foi observado um risco maior nos estabelecimentos de 26 a 50 hectares e risco reduzido associado à maior mecanização e aumento de escolaridade. A ocorrência de intoxicação por agrotóxicos mostrou forte associação com MPM.

Posteriormente, Gomes e Rozemberg (2000) pesquisaram as condições que envolvem o processo saúde-doença dos moradores de zona rural de Nova Friburgo no Rio de Janeiro, mais especificamente as queixas relacionadas ao “nervoso” e às explicações dadas pelos moradores. Para a compreensão dos significados envolvidos, foram entrevistados somente os

moradores que referiram sofrer dos nervos. Foi observada a relação entre a denominação de "nervoso" para o mal e a escolha do tratamento, geralmente associado com alto consumo de psicotrópicos. Nos relatos, são percebidas as relações entre as transformações atuais no ambiente sócio-cultural e a emergência do nervoso, o que permite que se pense o "nervoso" como um sofrimento não fatalista, facilitando o resgate da autoria da palavra, recuperada como um saber original, permitindo articular a história pessoal com o adoecer.

Levingard e Rozemberg (2004) analisaram a interpretação que os profissionais do Programa de Saúde da Família no município de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, atribuem às queixas de "nervoso" no meio rural, verificando as possíveis relações de adoecimento com o uso de agrotóxicos. Para as autoras, há quase uma unanimidade na afirmação, que apesar da beleza e da calma da região, as pessoas são mais estressadas e nervosas. A intoxicação por agrotóxicos, a desvalorização econômica da atividade agrícola, a sobrecarga de trabalho, a perda progressiva da terra como referencial de vida, o cansaço dos grandes deslocamentos para centro da cidade, o isolamento social e a falta de lazer são os determinantes apontados para a manifestação de nervoso.

Monteiro (2004), utilizando o método da Análise Ergonômica do Trabalho, inquiriu o processo de trabalho na agricultura familiar e o desencadeamento dos agravos à saúde do trabalhador em três propriedades rurais de Santa Catarina. Os resultados demonstraram que o modo operatório desse agricultor está relacionado com a disponibilidade de máquinas, com os saberes adquiridos e os mecanismos de defesa frente a situações de risco. Identificou-se que os problemas de saúde relacionados à má postura e à sobrecarga física, bem como ao comportamento dos agricultores diante de incidentes e doenças, acumulando cargas físicas e psíquicas, sendo que a depressão foi um dos problemas relatados pelos agricultores.

Em estudo realizado por Poletto (2009), com trabalhadores agrícolas familiares em Santa Catarina, verificou-se a prevalência de 33,8% de problemas de saúde mental. As variáveis sociodemográficas e do processo de trabalho que se mostraram preditoras foram: sexo, idade, uso de agrotóxicos, horas de trabalho fora de safra e na safra, mas, a variável mais importante foi intoxicação na família. Os resultados da pesquisa identificaram que o trabalho sazonal e a carga de trabalho, as condições climáticas, o isolamento e suporte social, os problemas financeiros, o uso de agrotóxicos, as intoxicações, os problemas de saúde e acidentes são

fatores que podem contribuir para os agravos à saúde mental dos trabalhadores agrícolas familiares estudados.

Analisando os estudos desenvolvidos no Brasil e no mundo, observa-se que as pesquisas evidenciam os problemas de saúde mental nas áreas rurais são insuficientes diante da grande incidência desses problemas na população brasileira e mundial.

3. Considerações Finais

Pode-se constatar que as pesquisas identificaram como principais fatores que contribuem para os problemas de saúde mental de trabalhadores agrícolas: a situação financeira, o isolamento, os relacionamentos familiares, a pressão do tempo e a sazonalidade do trabalho, as legislações e os regulamentos governamentais, o trabalho com organofosforados, os problemas de saúde e o estigma à doença mental. Observa-se na literatura, que um grande número de publicações tem reportado o problema de estresse ocupacional em trabalhadores agrícolas.

Ressalta-se a importância das pesquisas desenvolvidas e a necessidade de continuidade das mesmas, especialmente no Brasil, na busca da melhoria da qualidade de vida dos agricultores no exercício de suas atividades. Torna-se necessário, portanto, que se aprofunde o estudo da relação entre a saúde mental e o trabalho agrícola.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, W. F. de Trabalho agrícola e sua relação com a saúde/doença. In: MENDES, R. (Org.) **Patologias do Trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Atheneu, 1995, p. 487-540.
- BELYEA, M. J.; LOBAO, L. M. Psychological consequences of agricultural transformation. The farms crisis and depression. **Rural Sociology**, v. 55, n. 1, p. 58-75, 1990.
- BOOTH, N. J.; LLOYD, K. Stress in farmers. **International Journal of Social Psychiatry**, v. 46, n. 1, p. 67-73, 1999.
- BOOTH, N.; BRISCOE, M.; POWELL, R. Suicide in the farming community: Methods used and contact with health services. **Occupational and Environmental Medicine**, v. 57, p. 642-645, 2000.
- BRANDENBURG, A. **Agricultura familiar, ONGs e desenvolvimento sustentável**. Curitiba: Ed. UFPR, 1999.
- EBERHARDT, B. J.; POOYAN, A. A development of the farm stress survey: Factorial structure, reliability and validity. **Educational Psychology Measure**, v. 50, p. 393-402, 1990.

- ECHTERNACHT, E. H. O. **A produção social das lesões por esforços repetitivos no atual contexto da reestruturação produtiva brasileira**. 1998. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Produção). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.
- FALK, J. W. et al. Suicídio e doença mental em Venâncio Aires-RS: consequência do uso de agrotóxicos organofosforados. Relatório preliminar de pesquisa, n. 1-4, p. 23- 31, 2003.
- FARIA, N. M. X. et al. Estudo transversal sobre saúde mental de agricultores da Serra Gaúcha (Brasil). **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 391-400, 1999.
- FARIA, N. M. X. et al. O processo de produção rural na serra gaúcha: um estudo descritivo. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 115-128, 2000.
- FRASER, C. E. et al. Farming and mental health problems and mental illness. **International Journal of Social Psychiatry**, v. 51, p. 340-349, 2005.
- GREGOIRE, A. The mental health of farmers. **Occupational Medicine**, v. 58, n. 8, p. 471-476, 2002.
- HOSAIN, G. M. M. et al. Prevalence, pattern and determinants of mental disorders in Rural Bangladesh. **Public Health**, v. 121, p. 18-24, 2007.
- IIDA, I. **Ergonomia: projeto e produção**. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.
- ILO - INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION . Disponível em: <<http://www.ilo.org>>. Acesso em: 10 mar. 2008.
- JACOB, S.; BOURKE, L.; LULOFF, A. E. Rural Community stress, distress, and well-being in Pennsylvania. **Journal of Rural Studies**, v. 13, n. 3, p. 275-288, 1997.
- LEVINGARD, Y. E.; ROZEMBERG, B. A interpretação dos profissionais de saúde acerca das queixas de "nervos" no meio rural: uma aproximação ao problema das intoxicações por agrotóxicos. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1515-1524, 2004.
- MCCURDY, S.; CARROLL, D. J. Agricultural injury. **American Journal of Industrial Medicine**, v. 38, p. 463-480, 2000.
- MELBERG, K. Farming, Stress, and Psychological Well-being: The case of Norwegian Farm Spouses. **Sociologia Ruralis**, v. 43, p. 56-76, 2003.
- MONK, A. Stress, depression and isolation and their effects in the rural sector: Are the younger rural generation equipped to overcome these problems? Part I. **Journal Rural Management and Human Resources**, v. 1, 1997.
- MONTEIRO, J. **O processo de trabalho e o desencadeamento dos agravos à saúde do trabalhador: um estudo ergonômico na agricultura familiar de Santa Catarina**. 2004. 182f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.
- PAXTON, R.; SUTHERLAND, R. **Stress in farming communities: Making best use of existing help**. North Tyneside e Northumberland NHS Trust, 2000.
- PHELPS, C. **Stress in farming in North Yorkshire**. WPS/01/06, Phase 1 Report. Sheffield: Health and Safety Laboratory, 2001.
- POLETTO, A. R. **O processo de trabalho e a saúde mental de trabalhadores agrícola familiares da microrregião de Ituporanga, Santa Catarina**. 2009. 212f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

RAINE, G. A. Causes and effects of stress on farmers: a qualitative study. **Health Educational Journal**, n. 58, p. 259-270, 1999.

READ, N. **Rural stress and the Clergy**. Stoneleigh Park: RSIN, 1995.

ROZEMBERG, B. O uso de calmantes e o problema de nervos entre lavradores. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 300-308, 1994.

SIMKIN, S. et al. Stress in farmers: a survey of farmers in England and Wales. **Occupational Environmental Medicine**, v. 44, p. 729-734, 1998.

STALLONES, L.; BESELER, C. Safety practices and depression among farm residents. **Annals of Epidemiology**, v. 14, p. 571-578, 2004.

TAMAYO, A. **Cultura e saúde nas organizações**. São Paulo: Artmed, 2004.

WALKER, L. S.; WALKER, J. L. Stressors and symptoms predictive of distress in farmers. **Family Relations**, v. 38, p. 374-378, 1987.